

4 de fevereiro de 1959

## Lição XI

4 de Fevereiro de 1959

Chegamos, portanto, ao momento de tentar interpretar este sonho tratado por Ella Sharpe, empreendimento que só podemos tentar – a título, por sinal, puramente teórico, como um exercício de pesquisa – devido ao caráter excepcionalmente bem desenvolvido desse sonho que ocupa, pelo que diz Ella Sharpe, à qual depositamos nosso crédito nesse ponto, um ponto crucial da análise.

O sujeito, que fez um “**enorme sonho**”, e precisaria horas para contá-lo, o qual ele diz que esqueceu, que permanece isto, que acontece numa estrada da Tchécoslováquia, na qual ele se encontra por haver empreendido uma viagem ao redor do mundo com sua mulher. Eu até sublinhei que ele dizia: “*uma viagem com minha mulher ao redor do mundo*”. Ele se encontra numa estrada e aí ocorre isso, que ele está, em suma, vítima das investidas sexuais de uma mulher que, eu o faço notar, se apresenta de um certo modo que não é dito no primeiro texto do sonho. O sujeito diz: “*Eu percebo no instante mesmo, ela estava sobre mim, ela fazia tudo o que podia, to get my penis*”. Tal é a expressão sobre a qual teremos de voltar um pouco mais adiante.

“*É claro, diz o sujeito, isso não me agradava nem um pouco, ao ponto em que pensava que diante do seu desapontamento eu deveria masturbá-la*”. Ele faz uma observação aqui sobre a natureza fundamentalmente intransitiva do verbo *to masturbate* em inglês, sobre o qual já temos o interesse já, com o próprio autor, - ainda que o autor tenha disso acentuado menos diretamente seu fundamento sobre a observação, de certa forma gramatical, do sujeito – a notar que se trata, bem entendido, de uma masturbação do sujeito.

Da última vez, nós pusemos em relevo o valor daquilo que aparece menos ainda nas associações do que no desenvolvimento da imagem do sonho, a saber: O que forma esse redobrar, este “*hood*”<sup>1</sup>, a maneira de dobrar do capuz do qual fala o sujeito? E nós mostramos que, seguramente, o recurso à bagagem das imagens, consideradas pela doutrina clássica e extraídas manifestamente da experiência, quando a fazemos agir de certa forma como tantos objetos separados, sem detectar muito bem sua função em relação ao sujeito, leva, talvez, alguma coisa que pode ser forçado. Portanto, nós sublinhamos, da última vez, aquilo que podia haver aí de paradoxal na interpretação muito apressada desse singular apêndice, dessa contração do órgão genital feminino como sendo, de imediato, o signo que trata do falo da mãe.

Da mesma forma, por sinal, uma tal coisa não passa sem acarretar no pensamento da analista um outro salto, tanto é verdade que uma iniciativa imprudente só pode se retificar (contrariamente ao que dizem) por uma outra iniciativa imprudente, que o erro é bem menos \* erudito \* do que se crê, pois a única chance de se salvar de um erro é cometer um outro que o compense.

Nós não dizemos que Ella Sharpe errou completamente, nós tentamos articular melhores modos de direção que poderiam ter permitido uma adequação mais completa. Isso sob reserva, é claro, já que não teremos nunca a experiência crucial.

---

<sup>1</sup> “*Like a fold on a hood Hoodlike.*”

4 de fevereiro de 1959

Mas o salto seguinte, do qual eu falava, é que aquilo de que se trata, é ainda bem menos do falo do parceiro – do parceiro, no caso, imaginado no sonho – do que do falo do sujeito. Isso o sabemos, o caráter masturbatório do sonho, o admitimos, coordenado por muitas outras coisas, de tudo o que aparece depois, nos dizeres do sujeito. Mas esse falo do sujeito, de imediato, somos levados a considerá-lo como sendo esse instrumento de destruição, de agressão, de um tipo extremamente primitivo, tal qual ele sai daquilo que poderíamos chamar a imageria [*l'imagerie*]<sup>2</sup>. E é nesse sentido que, desde então, se orienta o pensamento da analista, Ella Sharpe, no caso, ainda que ela esteja longe de comunicar o conjunto de sua interpretação ao sujeito. O ponto sobre o qual ela vai, de imediato, intervir, nesse sentido que ela o diz, é depois de ter-lhe feito notar os elementos que ela chama de onipotência. Segundo sua interpretação, o que aparece no seu dizer no sonho estaria em segundo lugar, a masturbação, e em terceiro, essa masturbação é onipotente, no sentido em que se trata desse órgão perfurante e que morde, que é o próprio falo do sujeito.

É preciso dizer que há aí uma verdadeira intrusão, uma verdadeira extrapolação teórica da parte do analista, pois na verdade nada, nem no sonho, nem nas associações, dá nenhuma espécie de fundamento a fazer intervir, de imediato, na interpretação, essa noção no sujeito, que o falo aqui interviria enquanto órgão de agressão, e que aquilo que seria temido seria, de certa forma, o retorno, a retorsão da agressão implicada da parte do sujeito.

Não podemos deixar de sublinhar aí que nós vemos mal em que momento o sujeito passa dessas intrusões à análise daquilo que ela, de fato, tem diante dos olhos, e que ela sente com tantos detalhes e fineza. É claro que se trata de teoria. Basta ler essa fórmula para perceber que, depois de tudo, nada justifica isso, se não for alguma coisa que a analista não nos diz. Mas, além disso, ela nos informou suficientemente, e com bastante cuidado, os antecedentes do sonho, do caso do doente nas suas grandes linhas, para que nós possamos dizer que há aí, seguramente, alguma coisa que constitui um salto.

Que ele lhe tenha parecido necessário, é bem, depois de tudo, aquilo que nós lhe concedemos voluntariamente, mas que ele nos pareça, a nós, também necessário, é sobre esse ponto que colocamos a questão e que vamos tentar retomar essa análise. Não, de certa forma, para substituir os equivalentes imaginários das interpretações no sentido em que entendemos, propriamente falando (“isto que é um dado deve-se entender desta forma”). Não se trata de saber o que quer dizer em tal ou qual momento, no conjunto, cada elemento do sonho, no conjunto onde podemos dizer que esses elementos são mais do que corretamente apreciados. Eles são baseados numa tradição da experiência analítica no momento em que opera Ella Sharpe. E, por outro lado, eles são certamente percebidos com grande discernimento e grande fineza.

Não é disso de que se trata. É de ver se o problema não pode se esclarecer por ser formulado, articulado, de uma maneira que liga melhor a interpretação com aquela alguma coisa sobre a qual tento fazer-lhes acentuar aqui, a saber, a topologia intersubjetiva, aquela que sob diversas formas é sempre aquela que aqui tento construir diante de vocês, restituir na medida em que é a mesma de nossa experiência: a do sujeito, do pequeno outro, do grande Outro, na medida em que seus lugares devem sempre, no momento de cada fenômeno na análise, ser por nós marcados, se queremos evitar esse tipo de trama, de nó

---

<sup>2</sup> *Imagerie* n.f.: Conjunto de imagens da mesma origem, ou de idêntica inspiração, características de um gênero, de uma época.

4 de fevereiro de 1959

verdadeiramente apertado como que por um fio que não soubemos desatar, e que forma, se assim podemos dizer, o cotidiano de nossas explicações analíticas.

Esse sonho, nós já o percorremos sob várias formas, e podemos, no entanto, começar a articular alguma coisa de simples, de direto, alguma coisa que não está ausente mesmo, nem um pouco, da observação que se desprende dessa leitura que fizemos. Eu direi que no estágio daquilo que precede, que conduz o sujeito, e do próprio sonho, há uma palavra que, afinal de contas, aquilo que temos aqui como um vocabulário em comum, parece ser aquele que vem primeiro e não se poderia excluir, que ele viesse naquela época, ao espírito de Ella Sharpe. Não é fazer intervir nem um pouco uma noção que não estivera ao seu alcance, nós estamos no ambiente inglês, naquele momento dominado por discussões tais como aquelas que se elaboram, por exemplo, entre o Sr. Jones e a Sra. Joan Rivière, que já foi questão aqui a respeito do seu livro *Da feminilidade como uma máscara*<sup>3</sup>. Eu lhes falei dele, a propósito da discussão concernente à fase fálica e à função fálica na sexualidade feminina<sup>4</sup>.

Há uma palavra a qual ele considera num momento, que é a palavra verdadeiramente necessária para Jones para entrar na compreensão daquilo que é bem o ponto mais difícil de compreender, não simplesmente colocar em jogo, da análise, a saber, o complexo de castração. A palavra que Jones utiliza é a palavra *aphanisis*, que ele introduziu de modo interessante no vocabulário analítico, e que não podemos, nem um pouco, considerar como ausente do meio inglês, pois é feito disso grande caso<sup>5</sup>.

*Aphanisis* é “desaparecimento”, na medida em que ele assim o entende, e aquilo que ele quer dizer por aí nós o veremos mais adiante. Mas, eu vou fazer disso um uso bem diferente, por enquanto: o uso, em suma, impressionista, daquilo que está verdadeiramente aí todo o tempo ao longo do material do sonho, daquilo que o envolve, do comportamento do sujeito, de tudo aquilo que nós já tentamos articular a propósito daquilo que se apresenta, daquilo que se propõe a Ella Sharpe. Esse sujeito mesmo, que antes de se apresentar a ela de um modo que ela descreve de forma tão bonita, com esse tipo de ausência profunda que lhe dá, a ela mesma, o sentimento de que não há um propósito do sujeito, nem um de seus gestos que não seja alguma coisa de inteiramente pensado, e que nada corresponde ao que quer que seja de sentido; esse sujeito que se mantém, tão bem, de escanteio, que por sinal não se anuncia, que aparece mas que tão logo apareceu, é mais intocável do que se ele não estivesse; esse sujeito, ele mesmo, nos deu nas premissas daquilo que ele trouxe ao tema de seu sonho, essa questão que ele pôs a respeito de sua “pequena tosse”.

E essa “pequena tosse”, é feita para fazer o quê? Para fazer desaparecer alguma coisa que deve estar aí, além da porta. Não sabemos o quê, ele mesmo o diz: no caso da analista, o que é que poderá haver para se fazer desaparecer? Ele evoca a esse respeito a prevenção em outras circunstâncias, em um outro contexto: que se trata deles se separarem, que eles se desunam, pois a situação poderia ser embaraçante se ele mesmo entrasse, e assim pôr diante...

---

<sup>3</sup> RIVIÈRE, J., “La féminité en tant que mascarade”, trd. Fr. V. Smirnoff, in *La Psychanalyse* n.º 7, Paris, 1964, p. 257-270.

<sup>4</sup> LACAN, J., Seminário V, *As formações do inconsciente*, lição do dia 5 de março de 1958, inédito.

<sup>5</sup> JONES, E., *op. cit.*

4 de fevereiro de 1959

No sonho, nós estamos em presença de três personagens, pois não devemos esquecer que há sua mulher. O sujeito, após mencioná-la uma vez, não fala mais dela. Mas o que é que, exatamente, se passa, exatamente entre [ele e] a parceira sexual, aquela, em suma, da qual se desvencilha? Será tão certo assim que ele se esquiva? A continuação daquilo que ele enuncia prova que ele está longe de estar completamente ausente, e ele pôs o seu dedo, diz ele, nesse tipo de vagina protrusa, revirada, essa espécie de vagina prolapsada sobre a qual insisti. Aí também as questões se apresentam, e nós vamos colocá-las. Onde está o que está em jogo, onde está o interesse da cena? Aquilo que – na medida em que podemos colocar essa questão a propósito de um sonho, e nós só podemos fazê-la na medida em que toda a teoria freudiana nos impõe colocá-la – aquilo que se produzirá de imediato, depois, nas associações do sonho, é alguma coisa que interessa essa amiga, pela intermediação de uma lembrança que lhe veio concernente ao capuz que constitui o órgão feminino, de alguém que lhe propôs num campo de golfe alguma coisa no qual poderiam estar envolvidos os seus tacos, e que ele encontrou realmente um personagem estranho. Ele fala disso com essa espécie de satisfação divertida, e vemos muito bem aquilo que se passa em torno desse personagem verdadeiro. É verdadeiramente esse personagem a respeito do qual podemos muito bem nos perguntar por onde ele tem andado. É o tom no qual ele fala disso. Com essa boca e esse lábio, o que é que ele pôde ter sido? Talvez “**um açougueiro?**”, diz ele. Só Deus sabe porque um açougueiro! Mas o estilo e a atmosfera geral, o ambiente de imitação a propósito desse personagem – de imediato, por sinal, o sujeito se diverte em imitá-lo – mostram bem o de que se trata aí..

É, por sinal, por aí, que é introduzida a noção de imitação, e a associação com sua amiga que imita tão bem os homens, que tem tal talento, e um talento que ela explora na *Broadcasting*. E, a respeito disso, a primeira idéia que vem ao sujeito é que ele fala muito disso, que ele parece se vangloriar falando de uma relação tão notável “acrescentar algo”. Eu verifiquei a palavra inglesa que ele utiliza: é uma palavra de uso recente que podemos considerar como sendo mais ou menos uma *slang*<sup>6</sup>, e que tentamos traduzir por “retrazer”. Ele a utiliza para dizer: “**Eu tenho escrúpulos em trazê-la de volta a propósito disso**”<sup>7</sup>. Enfim, ele desaparece, se faz bem pequenininho, não quer ocupar muito espaço na ocasião. Em suma, o que se impõe a cada instante, que retorna como um tema, como um *leitmotiv* em todo o discurso, os propósitos do sujeito, é alguma coisa para a qual o termo *aphanisis* aparece aí, bem mais próximo do “fazer desaparecer” do que do “desaparecer”, de alguma coisa que é um jogo perpétuo onde nós sentimos que, sob diversas formas, alguma coisa – chamemos isso, se vocês quiserem, o objeto interessante – nunca está aí.

Da última vez eu insisti nisso. Ele não está, nunca, onde o esperamos, desliza de um ponto ao outro em um tipo de jogo de escamoteador. Eu vou ainda insistir nisso, e vocês vão ver onde isso vai nos levar, que é o essencial, a característica em todos os níveis da confrontação diante da qual a analista se encontra. O sujeito não pode adiantar nada que, tão logo, por algum lado, ele subtiliza o essencial, se assim podemos dizer.

E eu farei a observação de que em Jones também esse termo *aphanisis* é um termo que se oferece a uma crítica que desembocaria na denúncia de alguma inversão da perspectiva. Jones notou nos sujeitos que à aproximação do complexo de castração, aquilo que ele sente, o que ele compreende, aquilo que ele vê neles é o medo do *aphanisis*, do

<sup>6</sup> *Slang* gíria em inglês.

<sup>7</sup> *Swang* “[...] *It sounds “swank” to tell you, as swangy as telling you what a marvellous wireless set I have*”

4 de fevereiro de 1959

desaparecimento do desejo. E, de certa forma, aquilo que ele nos diz é que a castração – ele não o formula assim por falta de ter o aparato para tal – é a simbolização dessa perda.

Nós sublinhamos o quanto isso é um enorme problema, de ver numa perspectiva genética qualquer, como um sujeito, supomos no seu desenvolvimento, em algum momento, num nível de certa forma animal da subjetividade, começa a ver a tendência de se desprender dele mesmo para se tornar temor de sua própria perda. E Jones faz do *aphanisis* a substância do temor da castração.

Aqui eu farei notar que é exatamente no sentido contrário que convém tomar as coisas. É porque pode aí haver castração, é porque há um jogo de significantes implicado na castração, que no sujeito se elabora essa dimensão alarmante, na qual ele pode temer, o desaparecimento possível e futuro de seu desejo.

Observamos bem que alguma coisa como o desejo, se nós lhe damos um sentido pleno, o sentido da tendência ao nível da psicologia animal, nos é difícil concebê-lo na medida em que na experiência humana isso seja alguma coisa de perfeitamente acessível. O temor da falha do desejo é, no entanto, um passo que está para ser explicado. Para explicá-lo, eu lhes digo: o sujeito humano, enquanto tem de se inscrever no significante, encontra aí uma posição de onde, de fato, ele põe em questão sua necessidade na medida em que sua necessidade é pega modificada, identificada na demanda. E aí, tudo se concebe muito bem, e a função do complexo de castração nessa ocasião, a saber, aquilo em que essa tomada de posição do sujeito no significante implica a perda, o sacrifício de um de seus significantes entre outros, é o que nós deixamos, por enquanto, de lado.

O que eu quero simplesmente dizer é que o temor do *aphanisis* nos sujeitos neuróticos corresponde, contrariamente ao que acredita Jones, a alguma coisa que deva ser compreendida na perspectiva de uma formação insuficiente, articulação, de uma preclusão [*forclusion*] parcial do complexo de castração. É na medida em que o complexo de castração não protege o sujeito desse tipo de confusão, de arrebatamento, de angústia que se manifesta no temor do *aphanisis*, que nós a vemos, de fato, nos neuróticos. E isso nós vamos ter a oportunidade de controlá-lo a propósito desse caso.

Continuemos e retornemos ao próprio texto, o texto do sonho, e sobre essas imagens das quais falamos da última vez, a saber, sobre a representação do sexo feminino sob a forma dessa vagina com lábio protruso. Nas imagens do sujeito esse tipo de bainha, esse tipo de saco, de forro, que faz aí uma imagem tão estranha que não podemos, no entanto, ainda que ela não seja nem um pouco um caso excepcional e único, mas que não é, no entanto, freqüente encontrar, que não foi descrita de um modo perfeitamente caracterizado na tradição analítica, aqui podemos dizer que a imagem mesmo – que é empregada na articulação significante do sonho, a saber, o que é que isso quer dizer entre os personagens que estão presentes – toma seu valor daquilo que se passa, daquilo porque ela é utilizada.

De fato, o que nós vemos é que o sujeito vai pôr aí, como ele diz, o dedo. Ele não colocará aí seu pênis, não, ele colocará o dedo. Ele retorna, ele re-encapuzá, ele re-envagina aquilo que está aí desvaginado, e tudo se passa como se se produzisse aí quase um gesto escamoteador. Pois, afinal de contas, ele põe alguma coisa no lugar daquilo que ele deveria colocar aí, mas também, mostra que alguma coisa pode aí ser colocada. E se tanto é que alguma coisa possa, de fato, ser sugerida pela forma daquilo que se apresenta, a saber, o falo feminino, tudo se passa como se – esse falo que está, de fato, em questão da maneira mais clara (“*to get my penis*”) – estivéssemos no direito de nos perguntar o que é que o

4 de fevereiro de 1959

sujeito está nos mostrando, já que muito mais que um ato de copulação, trata-se aí de um ato de exibição. Isso se passa, não o esqueçamos, diante de um terceiro. O gesto está aí, o gesto já está evocado do prestidigitador no exercício que se chama em francês “o saco do ovo”. A saber, esse saco de lã no qual o prestidigitador alternativamente faz aparecer e desaparecer o ovo, e o faz aparecer no momento em que não esperamos, e o mostra desaparecido lá onde o acreditaríamos ver, *the bag of the eggs*, dizem também em inglês.

O gesto, se assim podemos dizer, a mostraçãõ de que se trata, é ainda mais marcante que nas associações do sujeito, o que vimos é mui exatamente, sempre, o avisar no momento em que aparece, de modo que nada se veja daquilo que havia antes, ou ainda se fazer passar, ele mesmo, diz ele no seu fantasma, por um cachorro latindo, de modo que, digamos, só havia ali um cachorro. Sim, sempre o mesmo escamoteamento do qual não sabemos o que é escamoteado, e, seguramente, é, antes de tudo, o próprio sujeito que é escamoteado. Mas o sonho nos indica, e nos permite precisar que, em todo caso, se nós buscamos precisar aquilo que se localiza no sonho como sendo o que está em jogo nesse escamoteamento, é certamente o falo, o falo de que se trata: “*to get my penis*”.

E a isso nós estamos, eu diria, tão acostumados, endurecidos pela rotina analítica, que quase não nos detemos nesse dado do sonho. No entanto, a escolha do sujeito do “*to get*” para designar aquilo que aqui pretende fazer a mulher, é um verbo de uso extremamente polivalente. É sempre no sentido de obter, de ganhar, de apanhar, de apreender, de se apoderar. Trata-se de alguma coisa que obtemos, grosso modo, no sentido geral. É claro, entendemos isso com a nota e o eco do [*femina curam et penem devorat*]<sup>8</sup>, mas não é tão simples.

Pois, afinal de contas, o que está em causa nessa ocasião é alguma coisa que, afinal, está muito longe de ser desse registro. E, também a questão trata-se, de fato, sob alguma forma que seja, real ou imaginária, de obter o pênis, a primeira questão a se fazer é, a saber: Esse pênis, onde está? Pois isso parece ir por si só, que ele esteja aí, a saber, que sob pretexto que dissemos, o sujeito no relato do sonho disse que ela fazia manobras “*to get my penis*”, temos a impressão de acreditar, portanto, que ele está aí, em algum lugar no sonho. Mas, literalmente, se olharmos bem o texto, absolutamente nada o indica.

Não basta que a imputação do parceiro seja aí dada para que deduzamos que o pênis do sujeito aí está, basta, de certa forma, nos satisfazer sobre o assunto com essa questão: onde está ele? Ele está, talvez, em outro lugar completamente diferente do que aí, onde essa necessidade que nós temos de completar, numa cena onde suporíamos que o sujeito se esquive... Isso não é tão simples. E, a partir do momento em que colocamos essa questão, vemos bem, de fato, que é aí que se põe toda a questão, e que é a partir daí, também, que podemos sacar qual é a discordância singular, a estranheza que apresenta o signo enigmático que nos é proposto nesse sonho. Pois é certo que há uma relação entre o que acontece e uma masturbação.

O que é que isso quer dizer, o que é que isso nos sublinha, no caso? Vale a pena recolher, de passagem, pois ainda que isto não seja elucidado, é muito instrutivo. Eu quero dizer, ainda que isso não seja articulado pela analista nos seus propósitos, a saber, que a masturbação do outro e a masturbação do sujeito é um todo, que podemos mesmo ir longe o bastante e dizer que tudo o que há na tomada do outro no próprio sujeito, que parece com uma masturbação, supõe, de fato, uma identificação narcísica secreta que é menos a

<sup>8</sup> “Que eu me ocupe [obsequie] da mulher e ela [me] devore o pênis.”

4 de fevereiro de 1959

do corpo ao corpo do que do corpo do outro ao pênis; que toda uma parte das atividades da carícia – e isso se torna ainda mais evidente, toma um caráter de prazer mais destacado, mais autônomo, mais insistente, até mesmo confinante para alguma coisa que chamamos mais ou menos propriamente, no caso, um certo sadismo – é alguma coisa que põe em jogo o falo na medida em que, como já lhes mostrei, ele se perfila imaginariamente no além do parceiro natural.

Que o falo está implicado como significante na relação do sujeito ao outro faz com que ele venha aí como essa alguma coisa que pode ser buscada nesse além do abraço do outro sobre o qual se inicia, toma toda espécie de forma-tipo mais ou menos acentuada no sentido da perversão.

De fato, o que nós vemos aí é que, justamente essa masturbação do outro sujeito difere completamente dessa captura de falo no abraço do outro, [o que] nos permitiria fazer equivar estritamente a masturbação do outro à masturbação do próprio sujeito, que esse gesto, do qual lhes mostrei o sentido, que é um gesto quase de verificação, que o que está aí em frente é, seguramente, alguma coisa de perfeitamente importante para o sujeito, é alguma coisa que tem a maior relação com o falo, mas é alguma coisa, também, que demonstra que o falo não está aí, que o **“to get my penis”** de que se trata para o parceiro é alguma coisa que foge, que se esquia não simplesmente pela vontade do sujeito, mas porque algum acidente estrutural, que é verdadeiramente o que está em questão, o que dá seu estilo a tudo o que retorna na seqüência da associação, a saber, também essa mulher sobre a qual ele nos fala, que se conduz tão notadamente nisso, que ela imita perfeitamente os homens, que esse tipo de incrível escamoteador do qual ele se lembra depois de anos, e que lhe propõe com uma lábia incrível alguma coisa que, singularmente, é ainda uma coisa por outra, fazer um envoltório de alguma coisa com o invólucro que é feito para outra coisa, nomeadamente, o tecido destinado a fazer uma capota de carro, e para fazer o quê? Para lhe permitir pôr os seus tacos de golfe, esse tipo de falacioso bom homem, eis, portanto, o que retornará.

Tudo tem sempre esse caráter, de qualquer elemento que se trate, que não é nunca totalmente daquilo que se apresenta o de que se trata. Não é nunca da coisa verdadeira que se trata, é sempre sob uma forma problemática que as coisas se apresentam.

Tomemos o que vem imediatamente depois, e que vai desempenhar o seu papel. O caráter problemático daquilo que insiste diante do sujeito se prossegue de imediato, e por uma questão que lhe vem a propósito, que vai surgir das lembranças da sua infância. Por que diabos teve ele em um outro momento uma outra compulsão [do que aquela] que ele teve no início da sessão, a saber, a tosse, a saber, cortar as tiras da sua irmã? **“Eu não pensava que era uma verdadeira compulsão. É pela mesma razão que a tosse me incomodava. Eu suponho que eu cortava as sandálias da minha irmã no mesmo jeito. Tenho um memória bastante obscura de tê-lo feito. Eu não sei porque, nem o que eu desejava desse couro no qual eu fazia isso, dessas tiras”**. Mas enfim deve-se crer que **“Eu queria fazer disso alguma coisa útil, mas, penso de totalmente unnecessary”**. Era muito útil ao meu espírito, mas isso não tinha nenhuma necessidade séria.

Aí também nos encontramos diante de uma espécie de fuga na qual vai seguir ainda uma outra fuga, a saber, a observação que ele pensa, de repente, nas correias que ligavam a capota do carro, ou melhor, isso lhe faz pensar nas correias que há em um *pram*, que é um carro de criança.

4 de fevereiro de 1959

E, naquele momento, de modo curioso, de uma maneira negativa, ele introduz a noção de *pram*. Ele pensa que não havia *pram* na casa dele. Ora, justamente, **“não há nada mais besta, ele mesmo diz, dizer que não havia *pram* na nossa casa. Havia certamente algum já que havia duas crianças”**.

Sempre o mesmo jeito de coisa que aparece sob a forma de alguma coisa que falta e que domina todo o estilo das associações do sujeito. O passo seguinte, encadeado diretamente sobre isso, qual é? **“Ah! Eu lembrei, agora diz ele, que eu devia enviar duas cartas para dois membros que devem ser admitidos ao nosso clube. E eu me vangloriava de ser melhor secretário que o último, é então bastante engraçado, agora eis que eu acabo justamente de esquecer de dar-lhes a permissão de entrar no clube”**. Dito de outra forma, eu não os escrevi. E encadeado de imediato, e indicado entre aspas no texto de Ella Sharpe, ainda que ela não faça caso disso, porque para um leitor inglês essas linhas não precisam nem mesmo estar entre aspas, uma citação de uma frase que se encontra no que chamamos *General Confession*, a saber, uma das rezas do *Book of Common Prayer*, do “Livro de reza para todo mundo” que forma o fundamento dos deveres religiosos dos indivíduos na Igreja na Inglaterra.

Eu devo dizer que minhas relações com o *Book of Common Prayer* não datam de ontem, e eu só farei evocar aqui o objeto muito bonito que tinha sido criado há vinte ou vinte e cinco anos na comunidade surrealista pelo meu amigo Roland Penrose, que havia feito um uso para os iniciados do círculo, do *Common Book of Prayer*. Quando o abríamos, de cada lado do plano interior da capa, havia um espelho. Isso é muito instrutivo, pois é aí a única crítica que podemos fazer a Ella Sharpe, para quem, seguramente, esse texto era muito mais familiar do que para nós, pois o texto do *Book of Common Prayer* não é totalmente igual à citação que o sujeito dá: *We have left undone*, “nós deixamos não feitas as coisas que nós devíamos fazer”, ao invés de **“nós não fizemos as coisas que nós devíamos fazer”** (citação do sujeito). É pouca coisa, mas depois disso falta uma frase inteira que é, de certa forma, a contrapartida disso no texto da Reza de Confissão Geral: “E nós fizemos essas coisas que não devíamos fazer”.

Isso, o sujeito não sente nem um pouco necessidade de confessar, por um bom motivo, é que, afinal de contas, trata-se realmente para ele sempre de não fazer as coisas. Mas fazer as coisas, isso não é sua ocupação. É bem de fato aquilo de que se trata, já que ele acrescenta que é perfeitamente incapaz de fazer o que quer que seja por temer ter sucesso demais, como nos sublinhou a analista.

E depois, pois isso não é a menor coisa, é aí que quero chegar, o sujeito continua a frase: **“Não há nada de bom em nós”**. Isto é pura invenção do sujeito, pois no *Book of Common Prayer* não há nada disso. Há: “Não há saúde em nós”. Eu acho que esse *“those things”* que ele pôs no lugar é o de que se trata. Eu direi que esse bom objeto que não está aí, é bem o que está em questão, e ele nos confirma, uma vez mais, que se trata do falo.

É muito importante para o sujeito dizer que esse bom objeto não está aí, nós reencontramos ainda o termo: ele não está aí, ele nunca está lá onde o esperamos. E é seguramente um *“those things”* que é para ele alguma coisa da mais extrema importância, mas é não menos claro que aquilo que ele tende a mostrar, a demonstrar, é sempre uma única e mesma coisa, a saber, que ele nunca está aí. Aí onde o quê? Aí onde poderíamos *to get*, se apoderar, pegá-lo. E é bem o que domina o conjunto do material de que se trata.



4 de fevereiro de 1959

Que à luz daquilo que acabamos aqui de adiantar, a aproximação entre as duas compulsões, aquela da tosse e também aquela de ter cortado as tiras de couro das sandálias de sua irmã, nos pareça menos surpreendente – pois é, verdadeiramente, uma interpretação analítica das mais correntes: o fato de cortar as tiras de couro que mantêm as sandálias de sua irmã tem uma relação que nos contentamos aqui, como todo mundo, de aproximar globalmente com o tema da castração. Vocês pegarão M. Fenichel, vocês verão que os cortadores de tranças são pessoas que fazem isto em função do seu complexo de castração. Mas como poder dizer, exceto ao peso mais exato de um caso, se é a retorsão da castração, a aplicação da castração a um outro sujeito que a eles mesmos, ou, ao contrário, a domesticação da castração, posta em jogo sobre o outro de uma castração que não é uma verdadeira castração, e, portanto, que não se manifesta tão perigosa assim: domesticação, se assim podemos dizer, ou menos-valia, desvalorização da castração ao longo desse exercício – ainda mais que, cortando as tranças, é sempre possível, concebível, que as ditas tranças cresçam de novo, isto é, reassure contra a castração.

Isto é, é claro, tudo aquilo que a soma das experiências analíticas permite se expandir sobre o sujeito, mas que, no caso, só nos aparece como escondendo... Mas que há ligação com a castração, não há dúvida.

Mas, então, o de que se trata, se nós nos obrigarmos a não ir mais rápido e de sustentar as coisas no nível onde as indicamos suficientemente, isto é, que aqui a castração é alguma coisa que faz parte, se assim podemos dizer, do contexto, da relação, mas que nada nos permite, até o presente, fazer intervir de um modo tão preciso quanto a analista o fez, a indicação do sujeito, postulado, no caso, para articular alguma coisa como sendo uma intenção agressiva primitivamente retornada contra ele; mas o que é que nós sabemos disso, afinal de contas? Será que não é muito mais interessante colocar, renovar sem cessar a pergunta: esse falo, onde está? Onde está, de fato, onde será preciso concebe-lo?

O que nós podemos dizer é que a analista vai muito longe, vai muito forte ao dizer ao sujeito: ele está em algum lugar muito distante em você, ele faz parte de uma velha rivalidade com seu pai, ele está lá no princípio de todos os seus votos primordiais, de toda a potência, ele está lá, na fonte de uma agressão da qual você tem, nesse caso, a retorsão. Sendo que nada propriamente dito permite apreender no texto alguma coisa que se articula assim.

Tentemos, quanto a nós, depois de tudo, afinal de contas, nos colocar a questão, talvez até mesmo um pouco mais ousadamente do que seríamos levados por natureza. Nós não podemos, parece, propor a respeito de uma observação impressa dessa forma, escrita, alguma coisa que seria aquilo que demandaríamos a um aluno. Se se tratasse de um aluno eu falaria disso muito mais severamente, eu diria que mosca lhe picou para dizer algo parecido! Eu colocaria a questão num caso semelhante: onde está o elemento de contra-transferência?

É aí o que pode parecer ousado colocar uma questão semelhante, a propósito de um texto de um autor que, em suma, é alguém de quem nós temos todos os motivos para ressaltar a memória, a mais extrema confiança, a saber, Ella Sharpe. Eu sorri para mim mesmo no momento em que me coloquei essa questão, pois ela me parecia, propriamente falando, um pouco exorbitante. Pois bem, nunca estamos errados, afinal de contas, em ser assim, um pouco audaciosos demais. Acontece que é dessa forma que encontramos aquilo que buscamos. E, no caso, eu busquei primeiro, antes de encontrar, quero dizer que havia lido

4 de fevereiro de 1959

quase distraidamente as primeiras páginas desse livro, quero dizer que, como sempre, nunca lemos bem, e aí havia, no entanto, alguma coisa de extremamente bonito.

De imediato, depois de ter falado do pai morto, desse pai que ela não consegue acordar na memória do sujeito, ela conseguiu fazer bulir um pouquinho nos últimos tempos – vocês lembram que o sujeito se maravilhava que seu pai, num tempo, havia falado –, de imediato depois ela observa que é a mesma dificuldade que há com ela, a saber, que “ele não tem pensamentos a meu respeito, esse paciente”. Já havia aí alguma coisa que poderia ter retido nossa atenção. “Ele não sente nada a meu respeito. Ele não pode acreditar nisso”. É inquietante, é preciso dizê-lo. Que o sujeito não tome consciência como tal, isso não diz que não há manifestação, pois, no entanto, há uma espécie de alimentação obscura da ansiedade em tal ou qual ocasião. É aí que eu havia mal lembrado alguma coisa que se expressa aqui. Mas quando lemos isso, acreditamos que é uma dissertação geral como acontece de se fazer à analista.

“Eu penso, diz ela, (trata-se bem disso) que a análise poderia ser comparada a um jogo de xadrez que se estica e que deve permanecer aqui, diz ela, até que eu deixe de ser o pai que se vinga no inconsciente, que se empenha em “*cornering him*”, a encurralá-lo, a colocá-lo em xeque, após o que ele não tem mais outra alternativa senão a morte”. Essa referência curiosa ao jogo de xadrez, no caso, que na verdade nada implica, é, no entanto, o que merece, no caso, reter nossa atenção. Eu direi que no momento em que li essa página, a achei de fato muito bonita, não me detive, de imediato, no seu valor na ordem transferencial. Eu quero dizer que ao longo da leitura, o que isso faz vibrar em mim é: é muito bonito!

Deveríamos comparar todo o desenrolar de uma análise a um jogo de xadrez. E por que? Porque aquilo que há de mais bonito e de mais aparente no jogo de xadrez, é que é um jogo que podemos descrever da seguinte forma: há um certo número de elementos que nós caracterizamos como elementos significantes, cada uma das peças é um elemento significativo. E, em suma, num jogo que se joga com a ajuda de uma série de movimentos, em réplica, fundado sobre a natureza desses significantes, cada uma tendo seu próprio movimento caracterizado por sua posição como significativo, o que se passa é a progressiva redução do número de significantes que estão na jogada. E, poderemos, depois de tudo, descrever uma análise da seguinte maneira: que se trata de eliminar o número suficiente de significantes para que permaneçam em jogo somente um número bastante pequeno de significantes para que sintamos bem onde está a posição do sujeito no seu interior.

Para voltar a isso depois, creio que, de fato, isso pode nos levar bastante longe. Mas o que é importante é isso: é que Ella Sharpe – de fato, tudo o que eu conheço ou podia conhecer por outro lado de sua obra, indica-o – tem, de fato, essa concepção da análise. Há na sua interpretação da teoria analítica essa espécie de profunda valorização do caráter significativo das coisas. Ela acentuou a metáfora de um modo que não destoia absolutamente com as coisas que lhes explico. E, todo o tempo, ela sabe valorizar esse elemento de substituição propriamente dito, lingüístico, nos sintomas, que faz com que ela conduza-o nas suas análises de temas literários que constituem uma parte importante de sua obra. E tudo o que ela dá como regras técnicas participa também de alguma coisa que é profundamente marcada por uma espécie de experiência, de apreensão do jogo de significantes como tal.

---

<sup>9</sup> “Nisso” indica aqui, para o paciente = “*na toxia da transferência*”.

4 de fevereiro de 1959

De tal forma que a coisa que, nessa ocasião, podemos dizer que ela desconheça, eu diria que são suas próprias intenções que se expressam nesse registro (sobre o plano da palavra de que se trata, no primeiro plano, dessa observação) de “encurrular” [*coïnae*]. O “*cornering him*” está aí levado primeiramente por ela. Só nas sessões ulteriores à interpretação que ela deu desse sonho nós veremos aparecer a mesma palavra no discurso do paciente, e eu lhes direi, daqui a pouco, com que propósito.

É o porque, vocês já sabem, de eu lhes indicar o que se passava também duas sessões depois. A saber, sua impossibilidade de “*corner*” seu parceiro num jogo, igualmente, o jogo de tênis, de encurralá-lo para dar o último revés, aquele que o cara não pode ir buscar. Trata-se, de fato, disso, que é sobre esse plano que a analista se manifesta. E eu não estou nem um pouco, dizendo que o sujeito percebe isso.

É evidente que ela é uma boa analista. Ela o diz de todos os modos: é um caso no qual vocês puderam notar, diz ela aos estudantes, que eu só faço a mínima observação, ou me calo. Porque, diz ela, porque não há absolutamente nada no sujeito que não me indique, de todas as maneiras, que sua pretensão de ser ajudado quer dizer exatamente o contrário, a saber, que antes de tudo ele quer ficar abrigado, e com seu pequeno cobertor, a capota de seu carro sobre ele.

O “*hood*” é realmente uma posição de fato fundamental. Isso, ela o sente, tudo o que se passa a respeito da lembrança do *pram* que está apagado, é mesmo isso, que ele foi na sua cama “*pinned in bed*”, isto é, “alfinetado”. Por sinal, parece que ele tem noções muito precisas sobre o que pode provocar numa criança o fato de ser mais ou menos amarrado, ainda que não haja nada de particular na sua lembrança que lhe permita evocá-lo, mas que seguramente dessa posição atada, ele faz questão.

Portanto, ela está bem distante de deixar transparecer esse elemento de contra-transferência, isto é, alguma coisa que seria intervencionista demais no jogo. No jogo agressivo, nesse jogo de xadrez. Mas o que eu digo, é porque ela sente disso, tão bem, o alcance, dessa noção, esse exercício agressivo do jogo analítico, que ela não vê seu alcance exato, a saber, aquilo de que se trata é de alguma coisa que tem as mais estreitas relações com os significantes.

A saber, se nós nos demandamos onde está o falo, é nesse sentido que nós devemos procurá-lo. Dito de outra forma, se vocês quiserem, no quadrângulo do esquema do sujeito, do outro, do *moi* enquanto imagem do outro e do grande Outro, é disso o de que se trata: daí onde pode aparecer o significante como tal. É, a saber, que o falo que não está nunca lá onde nós o esperamos, ele está, no entanto, aí. Ele está aí como a carta roubada, onde menos o esperamos, e aí onde, no entanto, tudo o designa.

Para expressar-se como realmente a metáfora do jogo de xadrez nos permite articulá-lo, eu diria que o sujeito não quer perder sua dama, e eu me explico. No sonho, o falo não é o sujeito que está aí e que olha-o. Não é aí que ele está, o falo. Pois, para esse sujeito, de fato, - como o percebe obscuramente através de um véu, o analista, na sua interpretação - o sujeito tem uma certa relação com a onipotência, com a força [*potence*] simplesmente, com a potência [*puissance*]. Sua potência [*puissance*], no caso o falo, aquilo que convém que ele preserve a todo custo, [que ele consiga] manter fora do jogo, porque esse falo, ele pode perde-lo no jogo, está aqui no sonho representado, simplesmente, pelo personagem ao qual pensaríamos menos o que ele representa, a saber, sua mulher, que está aí bem longe de ser

4 de fevereiro de 1959

a aparente testemunha que ela é – pois à verdade dessa função de ver, não está, de forma alguma, indicada que isto seja algo de essencial...

No sujeito, como em muitos sujeitos – e eu lhes peço lembrar isso, porque é um fato clínico tão evidente que ficamos absolutamente estupefatos que não seja um lugar comum da psicanálise – o parceiro feminino enquanto que Outro é justamente o que representa para o sujeito aquilo que há, de alguma forma, de mais tabu na sua potência, e também que se encontra, da mesma forma, dominando toda a economia de seu desejo.

É porque sua mulher é o seu falo que eu direi que ele fez essa espécie de lapso ínfimo, que lhes notei de passagem, a saber, fazer “*uma viagem com minha mulher ao redor do mundo*” – “*a journey with my wife round the world*” – e não *round the world with my wife*. O acento de onipotência é posto sobre “*round the world*” por nossa analista. Eu creio que o segredo da onipotência nesse sujeito está no “*with my wife*”, e o de que se trata é que ele não perca isso, isto é, que ele não perceba, justamente, que é aí o que deve ser posto em causa, isto é, perceber que sua mulher é, no caso, a analista.

Pois, afinal de contas, é disso que se trata. O sujeito não quer perder sua dama, diremos nós, ao modo dos maus jogadores de xadrez que imaginam que perder sua dama é perder a partida, sendo que ganhar no xadrez é, afinal de contas, chegar ao que chamamos um final de partida, isto é, com o sujeito, a faculdade de deslocamento, a mais simples e a mais reduzida e o mínimo de direitos – eu quero dizer que ele não tem o direito de ocupar uma casa que está posta em xeque por uma outra – e com isso encontrar a vantagem da posição. Temos, ao contrário, toda a vantagem, no caso, de sacrificar sua dama. É o que não quer de forma alguma fazer o sujeito, porque o significante falo é aquilo que para ele é idêntico a tudo o que se produziu na relação com sua mãe.

E é aqui que aparece, como a observação deixa-o nitidamente transudar, o caráter deficiente, manco, daquilo que pôde trazer o pai, no caso. E, evidentemente, recaímos em alguma coisa, em uma vertente já conhecida da relação do sujeito ao par parental. A importância não está nisso. O importante é, de fato, acentuar essa relação muito ocultada, muito secreta, do sujeito com seu parceiro, porque ele é tudo aquilo que há de mais importante para se pôr em evidência no momento em que aparece na análise. Na análise onde, em suma, o sujeito, por seu discreto tossir, avisa o que se passa no interior, sua analista, se, por acaso, ela teria, como o que se passa no sonho, revirado, se assim podemos dizer, sua bolsa ou seu jogo, ter de guardá-lo antes que ele chegue, porque ao ver isso, por ver que só há uma bolsa, ele tem tudo a perder.

Está aí a prudência, a que o sujeito dá prova e que de certa forma mantém numa ligação estreita – com todo o *pram-pinnal* da posição de sua infância – o sujeito numa relação com seu desejo que não pode ser senão fantasmática, a saber, que lhe é preciso que ele próprio seja amarrado num *pram* ou em algum outro lugar, e também apertado e enrolado para que possa estar em outro lugar o significante, a imagem de toda-potência sonhada.

E é bem assim também que nos é preciso entender o papel, para ele capital, da onipotência, toda essa história e essa observação do automóvel. O automóvel, esse instrumento problemático da nossa civilização na qual cada um sente bem a relação de uma parte com a potência, (os cabelos, a velocidade, o “*pin of speed*”), e cada um de dizer evidentemente “equivalente fálico”, equivalente da potência de socorro dos impotentes. Mas, por outro lado, cada um sabe bem o caráter infinitamente parelhado [*aplê*], feminino também. Pois o automóvel, não é por nada que nós o dizemos no feminino [*l'automobile*], que lhe damos, no

4 de fevereiro de 1959

caso, a esse automóvel, todo tipo de apelidinhos que tem também o caráter de um parceiro de um outro sexo.

Então, esse automóvel, no caso, sobre o qual ele faz essas observações tão problemáticas, a saber, **“é engraçado que falemos dele como de um ser vivo”**. Aí estão banalidades, bem entendido, mas esse automóvel, coisa curiosa, é tão evidentemente aquilo em que se produz esse tipo de ambigüidade significativa que faz, que é, ao mesmo tempo, aquilo que o protege, o que o ata e envolve-o, aquilo que em relação a ele tem exatamente a mesma posição que no sonho de chapeuzinho protruso (trata-se, por sinal, da mesma palavra que é usada nos dois casos), que no sonho essa estranha protuberância sexual sobre a qual ele se encontra pondo o dedo, que, por outro lado – e eu sublinhei bem isso, que eu traduzi mal – não deve se ler “estriada de vermelho”, mas **“reforçada com vermelho”**... Mas o que nos diz a analista? A analista aqui não se enganou. O momento, nos diz ela, em que ela traz sua intervenção decisiva não é o momento em que começa a colocá-lo na via de sua agressão, como resultado no sujeito, por outro lado, essa curiosa manifestação que podemos chamar; psicossomática, da qual ela não releva o caráter, a saber, que no lugar da tosse, no dia seguinte, ele sente uma pequena cólica antes de entrar.

Deus sabe se ele segurou seu [jogo] para isso, pois, como eu o disse há pouco, ele tem tudo para perder no momento de entrar para a sessão seguinte no consultório da analista. Mas a interpretação que, para a própria Ella Sharpe, parece a mais iluminante, é a segunda sessão, depois dessa interpretação, quando o sujeito lhe conta que ainda teve a cólica, deixando da última vez a sessão. Depois, ele fala do quê? Ele diz: **“Eu não pude ter meu carro, o mecânico não havia acabado; eu não pude brigar com ele porque ele é tão gentil que não podemos culpá-lo, ele é um homem de bravura [...] e, afinal de contas, eu não tenho nenhuma necessidade desse carro.** (E ele acrescenta com toque de irritação) **Mas realmente eu tenho muita vontade, eu a quero, eu gosto disso”**.

Ela não se engana. “Pela primeira vez, diz ela, eu tinha diante de mim [a oportunidade de lidar com] *libidinal wishes*”<sup>10</sup>, aqui trata-se da libido. Portanto, estamos bem de acordo com ela. Se faço essa crítica a Ella Sharpe é porque a acho, em todos os pontos, nessa observação, admiravelmente sensível. Ela entende a importância disso, a saber, aquilo que está presente na vida de um sujeito propriamente como desejo, o desejo sendo caracterizado por seu caráter não motivado - ele não tem nenhuma necessidade desse carro. O fato de que ele lhe declare seu desejo, e é a primeira vez que ela ouve um discurso parecido, é alguma coisa que se apresenta por si mesma como insensatamente no discurso do sujeito.

Ela nos diz que ela salta sobre isso, isto é, que ela o sublinha para ele. Coisa curiosa, aqui nós temos como uma espécie de ondulação do aparelho de projeção. Então sendo que ela sempre nos disse, tanto que ela disse ao sujeito mesmo as coisas mais audaciosas, as mais ocasionais, aí nós não sabemos exatamente o que ela lhe disse. É muito chato! O que ela nos diz é que ela estava realmente embriagada de alegria na ocasião de dizer-lhe: aí você confessa que deseja alguma coisa. Mas o que é que ela pode lhe dizer, nós não o saberemos. Nós sabemos simplesmente que ela pôde, de imediato, lhe dizer alguma coisa de bastante orientado no sentido daquilo que ela lhe havia dito antes, para que seja justamente depois do que ela lhe disse, no dia seguinte, que o sujeito venha a lhe dizer, meio contente, meio forçado, um tanto murcho, que nessa noite molhou sua cama.

<sup>10</sup> “Then for once I was able to deal with the libidinal wishes?”

4 de fevereiro de 1959

Nós não podemos considerar que isso seja, já lhes disse, por si só, um sintoma que, tão transitório e tão significativo, seja ele daquilo que de uma vez foi levado, que, certamente, ressoou, já possa ser, no entanto, alguma coisa que nos confirme absolutamente naquilo que eu poderia chamar o sentido da boa direção do dizer – se dizer há. Isto é, a saber, que se nós temos a noção dessa alguma coisa que representa uma enurese, é certamente da colocação em ação, eu diria pessoal, do pênis.

Mas enfim, não é, no entanto, uma colocação em ação genital, é justamente o pênis como real que intervêm em eco, muito freqüentemente, – é o que a clínica nos mostra nas crianças – da atividade sexual dos pais; é na medida em que os sujeitos masculinos ou femininos, crianças, num período em que estão profundamente interessados pelo comércio sexual dos pais que acontecem essas manifestações enuréticas que, no caso, são a colocação em jogo, sobre o plano do real, do órgão como tal. Mas o órgão como tal, como real, não mais como significante, é bem alguma coisa que nos mostra que nessa ocasião a intervenção de Ella Sharpe teve de fato um certo alcance.

Esse alcance, é oportuno? É, bem entendido, o que resta haver de mais próximo. Fica bem claro que o que segue, a saber, a chegada, o surgimento, certas reações então que o próprio sujeito tem, parece-se com uma certa consciência de satisfação, à sua diligência, e que é o fato de que, no jogo, ele não mais se deixou mangar por seus camaradas (isto é, que ele pegou um pelo pescoço e que o encurralou num canto com bastante força para que ele não tenha mais vontade de recomeçar) não pode de modo algum ser considerado como alguma coisa que esteja verdadeiramente para ser obtida.

Não esqueçamos, no entanto, que se há alguma coisa que deve ser permitida ao sujeito, isto é, de *comer* o outro no jogo, isso não é absolutamente a mesma coisa que o *comer* no pescoço a propósito desse jogo. Está justamente aí a reação inadequada, aquela que não o torna, nem um instante, mais capaz de *comer* no jogo, isto é, na medida em que é aí onde se passam as relações com o Outro, o Outro como lugar da palavra, como lugar da lei, como lugar das convenções do jogo. É justamente isso que se encontra, por essa leve declinação do ato da intervenção analítica, falhado.

Eu creio que nós hoje impulsionamos as coisas longe o bastante. Eu farei da próxima vez o último seminário daquilo que se agrupa aqui em torno da análise literária a propósito do desejo e de sua interpretação, e tentarei reunir para vocês, em algumas fórmulas, como devemos conceber essa função do significante fálico em toda sua generalidade a respeito da relação [...] e da maneira pela qual o sujeito se situa no desejo. Eu tentarei reunir em torno das noções que tento aqui articular, com a ajuda do grafo, essa função que devemos dar precisamente ao significante fálico.

Eu tentarei lhes mostrar também onde se situa exatamente, a título de referência no seu exercício de análise. Vocês podem tentar situar o significante fálico no esquema. Para dizer tudo, e para dar alguma coisa que é tomada emprestado na obra de um escritor ao qual já fiz alusão aqui, Lewis Carroll, lhes mostrarei o que Lewis Carroll, em algum lugar, diz mais ou menos da seguinte forma:

Ele pensava que ele tinha visto uma porta de jardim

- esta famosa porta do jardim paradisíaco no interior do ventre materno (em torno do qual se centram atualmente, ou se mergulham mesmo, todas as teorias analíticas) -

Que se abria com uma chave.

Ele olhou de mais perto e percebeu que era  
Uma dupla regra de três.<sup>11</sup>

Da próxima vez eu lhes mostrarei qual é esta regra de três.

---

<sup>11</sup> CAROLL, L., *Sylvie et Bruno* (1889), trad. Fr. F. Deleuze, Paris, 1990, La Pléiade, Gallimard, p. 491.